Erin Pettigrew, *Invoking the Invisible in the Sahara: Islam, Spiritual Mediation, and Social Change*. Cambridge: Cambridge University Press (hb £90 – 978 1 009 22461 1). 2023, ccclxviii + 368 pp.

Este livro da historiadora Erin Pettigrew é um contributo bem-vindo para a compreensão das práticas esotéricas – autorizadas (*ḥjāb*) e ‘ilícitas’ (*siḥr*) – do Ocidente saariano, aqui identificadas em estreita associação com as tradições islâmicas profundamente enraizadas nesta região. Devido à complexidade da tessitura social e história multifacetada da região, este estudo baseia-se principalmente em métodos etnográficos. A aproximação entre antropologia e história, já testada por outros autores, é digna de nota. Embora a região seja muitas vezes descrita como um importante centro de fontes escritas em língua árabe, muitos dos interlocutores não têm educação formal e o acesso a fontes escritas, num contexto maioritariamente pós-nómada, é bastante limitado. O trabalho de E. Pettigrew procura assim ultrapassar divisões disciplinares, a fim de considerar analiticamente um cenário africano complexo, fazendo, ao mesmo tempo, uma importante afirmação em termos metodológicos.

O livro cobre eficazmente os temas centrais da cultura islâmica neste contexto: as escolas de jurisprudência islâmica (nomeadamente a escola Maliquita), o sufismo, as tendências reformistas e a multiplicidade de sábios religiosos e outros autores que definiram a ampla incorporação do Sara no mundo muçulmano. Contudo, adesão a tradições islâmicas ‘legítimas’ é aqui debatida através de um outro corpus de conhecimento que também influenciou significativamente as experiências quotidianas no Sara, um corpus que, segundo a autora, tem sido frequentemente ignorado e visto o seu lugar negado na escrita académica associada à história da região: ‘“the unbelieved,” the “unseen,” the “unknown,”’ the “‘supernatural”’ (p. 4). Ao incorporar estes aspectos no seu projeto, Pettigrew defende a utilização de conhecimentos esotéricos como um marcador fundamental na definição de certas identidades de grupo, nomeadamente entre os *zwāya* (grupos de estatuto clerical) da margem norte do rio Senegal, e os seus homólogos Fulbe, os *torodbe*, dispersos ao longo de todo o Sahel ocidental. O papel desempenhado por estes actores nos processos educativos e na gestão quotidiana dos rituais islâmicos, aliados a um domínio do saber esotérico, marcou profundamente a vida das populações do Sara. De acordo com a autora, só no século XIX é que a licitude destes domínios esotéricos foi efetivamente questionada e criticamente examinada (pp. 94–106), assim como os critérios que justificavam os papéis sociais hereditariamente reconhecidos a certos grupos (precisamente através da sua familiaridade com estas ‘ciências’).

O livro divide-se em três partes principais, cada uma composta por dois capítulos. Na primeira parte, ‘Knowledge and authority in precolonial contexts’, a autora começa por contextualizar a história pré-colonial da região. Uma importante segunda parte, ‘Rupture, consonance, and innovation in colonial and postcolonial Mauritania’, centra-se nos modernos períodos colonial e pós-colonial (século XX), debatendo o significado das práticas islâmicas relacionadas com o *ḥjāb* para diferentes lideranças políticas (desde os governantes ou emires tradicionais, aos administradores coloniais franceses e aos líderes da Mauritânia independente). Esta segunda parte do livro conclui-se com a análise de um vívido debate televisivo em Nouakchott sobre os méritos e a legalidade do *ḥjāb*. Na terceira parte, ‘Articulating race, gender, and social difference through the esoteric sciences’, a autora oferece-nos um capítulo sobre a prática exclusivamente sariana do *sell* (‘bloodsucking’), considerada como particularmente nefasta, e só podendo ser combatida através do mais benigno *ḥjāb* (rotulado como ‘islâmico’). Através da análise desta prática, Pettigrew argumenta sobre as noções de ‘raça, hierarquia social e pertença’ (p. 197), ligando diferentes práticas esotéricas ao complexo ordenamento social da região. Esta secção, particularmente bem construída e pesquisada (pp. 187–221), associa história com as biografias de várias figuras políticas e actores islâmicos da região, recorrendo a fontes escritas e orais. E. Pettigrew conclui o livro com o interessante estudo de caso da comunidade Ahl Guennar do sudoeste da Mauritânia. Contrariamente às dicotomias geralmente utilizadas para descrever as diferentes populações da região (p. 279), os Ahl Guennar validam a adopção de um quadro bastante mais matizado (‘*in-betweenness*’) às noções de raça, ao conhecimento islâmico e aos saberes esotéricos no Sara.

Uma outra importante opção teórica da autora tem de ver com o facto de esta não debater, e praticamente não mencionar, os mecanismos associados à *qabīla* (‘tribo’), que muito frequentemente definem as identidades sociais na região (nomeadamente entre os seus grupos de língua Hassaniyya). São compreensíveis os desafios colocados à abordagem deste tema num quadro pós-orientalista, na sequência da prolongada leitura da *qabīla* como o idioma mais adequado para fornecer nexos sociais e profundidade histórica às populações do Sara. No entanto, a abordagem da autora assinala não só o que pode ser interpretado como uma escolha académica prudente, mas também, possivelmente, como o anúncio de mudanças significativas no tipo de estudos realizados sobre esta região.

Francisco Freire

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, Portugal

Email: freire.francisco@fcsh.unl.pt